

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE KEHINDE E RAMI: UMA ANÁLISE DA OBRA DE ANA MARIA GONÇALVES E PAULINA CHIZIANE.**Aparecida Gomes Oliveira, Lídia Maria Nazaré Alves, Ivete Azevedo.**¹Graduanda em Letras, UEMG, apagoliver@gmail.com²Doutora/professora, UEMG, lidianazare@hotmail.com³Doutora/professora, UEMG, imizevedo62@gmail.com

Resumo- O presente artigo faz parte de um projeto desenvolvido no campus da UEMG (Unidade Carangola), ao longo do ano em curso, 2016, intitulado: “Poéticas da modernidade: um olhar para a diferença”, orientado pela professora Dra. Lídia Maria Nazaré Alves e coordenado pelo Msc. Alexandre H. C. Bittencourt. Objetivou-se a análise da construção da identidade das personagens: Kehinde, da obra “Um defeito de Cor” de Ana Maria Gonçalves e Rami, da obra “Niketche, uma história de poligamia” de Paulina Chiziane. Propôs-se identificar fatores e ideologias que influenciaram a formação de suas identidades. A pesquisa foi iluminada por teóricos que dissertaram sobre o tema em questão, tais como: Spivak (1994), Cândido (1999), Hall (2003), Fanon (2008), Alves (2009). Chegou-se a conclusão de que as personagens vivenciaram um processo de desconstrução-construção-reconstrução de suas identidades, no qual alguns fatores desenvolveram funções determinantes: a desconstrução da identidade primeira, a construção através da influência de culturas diversas com as quais as personagens conviveram devido às circunstâncias, assimilando o que lhes poderia ser úteis, para reconstruírem-se. Percebe-se que Kehinde e Rami viveram processos de metamorfose e suas identidades mostram um misto de valores e ideologias, com marcas da identidade primeira.

Palavras-chave: Mulher negra; Identidade; Alteridade; Escravidão; Liberdade.

Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo destina-se a compreender como foram construídas as identidades de Kehinde e Rami, mulheres negras, africanas, personagens protagonistas das obras *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves e *Niketche, uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane.

Para nortear nossa pesquisa formularam-se três hipóteses: As personagens se acovardaram e desistiram de buscar sua alteridade rejeitando sua identidade primeira. Kehinde e Rami negociaram com o sistema a construção de suas identidades e assim alcançaram a tão desejada alteridade. A convivência com outras culturas e o conhecimento adquirido deram às protagonistas autonomia para se transformarem nas mulheres que desejaram ser. O estudo é relevante, pois as personagens representam uma classe social que vive à margem da sociedade, a do afrodescendente.

As obras apresentam a mulher negra sob diferentes perspectivas, permitindo-nos um novo olhar para aqueles que reivindicam a alteridade na sociedade. E nós, conhecedores das Letras, devemos ser a voz daqueles que foram silenciados pelo sistema, pela marginalização e pela manipulação exercida por tradições e culturas que buscam sobrepujar determinadas classes. Para iluminar nossa pesquisa escolheram-se cinco teóricos que versaram sobre o assunto, dentre os quais estão: Spivak (1994), Cândido (1999), Hall (2003), Fanon (2008), Alves (2009).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Spivak (1994) diz não ser historiadora, mas se preocupa em compreender como as narrativas históricas são negociadas. Intitulando-se como uma “pós colonial”, hindu, cidadã indiana, posiciona-se com “a perspectiva crítica necessária diante das falsas reivindicações de histórias alternativas” (SPIVAK, 1994, p.187). Como as narrativas históricas são construídas é o foco de seu estudo. Ela começa explicando que a descolonização da Índia foi legitimada e consolidada “por meio da cultura

do imperialismo, nacionalismo, internacionalismo, secularismo, culturalismo” (Op cit. p. 188). Estes códigos têm o poder de promover e oferecer privilégios àqueles que os utilizam, ao mesmo tempo em que privilegia, pode também mascarar o sujeito. Refletir sobre a leitura desse sujeito é ir além de sua máscara para sair do superficial e conhecer a verdadeira história.

As ideias de Cândido (1999) corroboram com as de Spivak, pois ele afirma que a literatura faz um vínculo entre fantasia e realidade, este pode servir de entrada para se pensar a função da literatura e acrescenta “Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar” (CÂNDIDO 1999, p. 83, 84). Ou seja, a forma como as narrativas históricas são construídas e transmitidas influenciam na formação da identidade daqueles que lhe são alvos.

A narrativa histórica pode ser instrumento de manipulação, alienação ou até mesmo de dominação, dependendo da forma como é escrita e das ideologias presentes em suas entrelinhas.

Alves (2009) concorda com Spivak e Cândido ao falar sobre o poder que a palavra exerce na construção das identidades sociais. A autora aborda a relação colonizador/colonizado, na qual o colonizado sofreu uma dupla transgressão, foi lhe imposto uma nova língua e junto com ela, uma nova cultura que menospreza e diminui sua origem. Esse processo foi legitimado por meio da palavra, do ensino, da evangelização dos povos conquistados. Como consequência o povo colonizado perdeu sua identidade, mas não adquiriu uma nova, na verdade tornou-se errante no mundo, alguém que não possui espaço na sociedade.

Alves reflete sobre o poder de persuasão da palavra, utilizada pelo colonizador para dominar o colonizado.

O status da mercadoria é produzido pela arte persuasiva, a da palavra principalmente. A literatura é arte da palavra. Sendo ela um espaço que viabiliza uma reflexão mais acurada sobre o modo como o mundo é organizado, deve iluminar o processo de modernização com os seus aspectos mais variados, positivos e negativos para o homem. (ALVES, 2009, p. 221)

Sobre a palavra Fanon também escreve:

[...] a palavra é criadora de equívocos, dissimuladora, mistificadora, e tanto mais, sem dúvida, quanto pretende uma mais perfeita transparência –pode também tornar-se um meio de provocar outrem e de se provocar a si mesmo para autênticos aparecimentos (FANON, 2008, p.16)

Os países que foram colonizados como o Brasil, Índia, dentre outros, carregam o estigma de terem suas identidades sobrepujadas e enfrentam os mesmos desafios: construir uma nova identidade, uma nova história. Eles vivenciam o processo de descolonização e neste processo encontram-se as classes marginalizadas. Dentre elas está o negro, que ao ser escravizado, teve sua cultura eliminada e vive a busca por sua alteridade, uma identidade que lhes dê sentimento de pertença à sociedade a qual habitam.

Hall (2003) chama a atenção para três fatores que devem ser observados ao olharmos para a cultura negra: o estilo, a diáspora que fez do negro um ser deslocado de um mundo logocêntrico e o corpo como seu único capital cultural. Não importa a forma como o negro e suas tradições são representados na cultura popular, é preciso reconhecer que

[...] Em sua expressividade, sua musicalidade, sua oralidade e na sua rica, profunda e variada atenção à fala; em suas inflexões vernaculares e local; em sua rica produção de contranarrativas; e, sobretudo, em seu uso metafórico do vocabulário musical, a cultura popular negra tem permitido trazer à tona, até nas modalidades mistas e contraditórias da cultura popular mainstream, elementos de um discurso que é diferente – outras formas de vida, outras tradições de representação. (HALL, 2003, p. 342)

O autor questiona se o momento atual é propício para as estratégias das novas intervenções apontando suas fragilidades, as estratégias criativas e críticas que dele surgem. Uma das fragilidades apontadas é a de que o momento atual faz uma distinção do negro, ou ele é uma coisa ou outra. No lugar do “ou”, o autor sugere um “e”. Não se pode alimentar esta oposição. O negro pode ser negro e mais o que ele quiser ser, não se pode reduzi-lo às suas características genéticas.

Outra fragilidade reside no fato de que o momento em questão torna natural e “des-historiciza a diferença”. Tira-se o significante “negro” de seu sentido histórico, cultural e político e o reduz à genética biológica, tira-se o foco do essencial para algo banal que não gera transformação social. Hall alerta para o fato de que se deve priorizar a diversidade e não a homogeneidade da experiência

negra, reconhecendo outros tipos de diferença que “localizam, situam e posicionam o povo negro” (HALL, 2003, p. 346).

Cândido complementa dizendo que a literatura em sua função social, ao mesmo tempo em que humaniza o leitor pode também ser alienadora, dependendo do autor e sua obra. O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade (CÂNDIDO, 1999, p. 90).

Spivak (1994) aposta na reescrita da história e chama atenção para o fato de que sua condição pós-colonial lhe permite enxergar a reivindicação por alteridade presente na subjetividade das histórias alternativas. Um olhar para estas narrativas fará com que as brechas deixadas pelas ideologias europeias apareçam e aqueles que foram colocados em condição de invisibilidade social, apareçam. Ela enfatiza que a história precisa ser refeita sob o olhar crítico, tirando as possibilidades de dar continuidade às ideologias que mascaram a realidade em prol do interesse das classes dominantes, como afirma:

A política cultural da repetição está sendo encenada com o gestual da política da ruptura estratégica, necessária, tendo em vista a independência política que é o requisito mínimo para a descolonização. (SPIVAK, 1994, p. 205)

3. METODOLOGIA

O trabalho é de cunho bibliográfico comparativo na construção da identidade das personagens protagonistas: Rami, da obra “Niketche, uma história de poligamia” de Paulina Chiziane e Kehinde, da obra “Um defeito de cor” de Ana Maria Gonçalves.

4. KEHINDE E AS INFLUÊNCIAS CULTURAIS QUE MARCARAM SUA IDENTIDADE

Kehinde nasceu na África, aos sete anos foi capturada, trazida para o Brasil num navio negreiro e vendida como escrava por mercadores da Bahia. Os africanos ao descenderem em solo brasileiro passavam por um ritual de purificação, no qual eram batizados, recebiam um novo nome e eram obrigados a aprenderem a língua do colonizador.

Nós não víamos a hora de desembarcar também, mas, disseram que antes teríamos que esperar um padre que viria nos batizar, para que não pisássemos em terras do Brasil com a alma pagã. [...] Em terras do Brasil, eles tanto deveriam usar nomes novos, de brancos, como louvar os deuses dos brancos, o que eu me negava a aceitar, pois tinha ouvido os conselhos da minha avó. (UDC, 2012, p. 63)

O nome cristão recebido por ela foi o de Luísa Gama. Na fazenda para onde é levada torna-se escrava de companhia da sinhazinha e aproveita para ser alfabetizada junto com a menina, as duas constroem uma amizade que perdura por toda a vida. Após ser alfabetizada a sinhazinha é levada para um colégio interno e Kehinde torna-se escrava doméstica. Aos doze anos é estuprada pelo seu dono e engravida de seu primeiro filho, a quem ela chama de Banjokô, que significa “[...] Sente-se e fique comigo” (UDC, 2012, p.19). Segundo a crença de Kehinde, seu filho era um abiku, criança destinada a morrer antes de completar sete anos.

Com a morte de seu dono, Kehinde vai com a Sinhá para a Bahia, junto com outros escravos da casa grande. É na capital que ela conhece o significado da palavra liberdade ao estar em contato com negros da tribo Malês que armam uma conspiração na Bahia, que mais tarde fica conhecida como a Revolta dos Malês. Kehinde decide lutar pela sua liberdade e a de seu filho.

Sua dona a aluga para uma família de ingleses com os quais ela vive uma experiência prazerosa e se surpreende com o tratamento dispensado aos escravos. Kehinde se apossou de uma nova cultura, aprendeu a língua e a culinária inglesa, que mais tarde tornou-se sua forma de sobrevivência.

[...] Foi naquela casa (dos ingleses) que fiquei sabendo que não havia mais escravos nem em Inglaterra nem nos seus domínios, que todas as pessoas eram livres para morar e trabalhar onde quisessem, recebendo dinheiro. (UDC, 2012, p. 220)

Após sair da casa dos ingleses Kehinde tornou-se escrava de ganho, tendo que trabalhar para sobreviver e pagar certa quantia mensal à sua dona. Ela resolve comercializar cookies, ganha

dinheiro suficiente para pagar a sinhá e vai criando uma microempresa dando emprego para seus amigos. Ao manifestar o desejo de comprar sua liberdade, sinhá manda avaliá-la:

[...] Olhei o papel e nem tentei fingir que não sabia ler, pois lá estava escrito com todas as letras o valor de uma escrava de dezoito anos, criada de dentro, com excelente saúde, falando português e inglês, sabendo ler, escrever e comerciar muito bem, capaz de ter ganho próprio de mais de dez mil réis por mês, e do seu filho de seis anos, criado como se fosse da casa, de excelentes maneiras e muito inteligente, bem-educado e que sabia tocar piano. (UDC, 2012, p. 338, 339)

O valor de Kehinde estava muito acima do mercado, ela valia uma verdadeira fortuna. Comprar sua liberdade tornou-se inviável. Ela então faz um plano com a ajuda de seus amigos que culmina na sua carta de alforria, do filho e dos outros escravos. Ela leva todos para trabalharem e viverem com ela.

Kehinde conhece um português de nome Alberto e vive com ele uma história de amor. Os dois têm um filho, o qual recebe o nome de Luís. Este não era abiku, como o primeiro que morreu antes de completar sete anos de idade.

Surge um decreto determinando que os portugueses que não fossem casados com brasileiras fossem deportados para Portugal. Alberto abandona Kehinde, pois ela é africana, e casa-se com uma brasileira, que mais tarde lhe toma tudo, inclusive a padaria que era de Kehinde, mas estava no nome de Alberto.

Kehinde não se deixa esmorecer, participa da revolta dos Maleses e acaba tendo que fugir da Bahia para não ser presa. Alberto, num momento de fraqueza, vende o filho para se livrar de uma dívida. Quando Kehinde volta e descobre o que ele fez, passa a sua vida à procura do filho, mas não consegue encontrá-lo.

Aos 37 anos decide voltar para África. A sensação que experimenta ao voltar não era bem o que esperava:

[...] era estranho ver mulheres com o peito de fora, e senti um pouco de vergonha por estar olhando para elas, que também, olhavam para mim quase com o mesmo espanto. (UDC, 2012, p. 745)

Em África Kehinde descobre que não é mais africana, e sim, brasileira.

[...] Eu também pensava assim, estava do lado dos brasileiros, [...] achava que o certo não era a inimizade, não era desprezarmos os africanos por eles serem mais atrasados, mas sim ajudá-los a ficar como nós. [...] gente que no Brasil, provavelmente tinha orgulho de não se submeter à religião católica e fazia questão de conversar em línguas da África, como forma de dizer que não tinha se submetido aos brancos, mas que, de volta à terra, negava seus costumes. (UDC, 2012, p. 757)

Ela vive um romance com John, com quem tem dois filhos gêmeos e lhes coloca nomes brasileiros, João e Maria Clara. “[...] isso contradizia o que pensava antes [...] um nome brasileiro seria muito mais valioso para meus filhos” (UDC, 2012, p. 767) e os batiza na Igreja católica.

Aos oitenta anos, Kehinde encontra uma carta na qual dizia o paradeiro de seu filho Luís Gama.

[...] Que você estava casado, tinha filhos e era maçom, que escrevia poesias e era muito respeitado por publicar artigos belíssimos e cheios de inteligência nos jornais mais importantes da cidade, e dava inclusive a sua morada. (UDC, 2012, p. 946)

A alegria invade seu coração e mesmo idosa decide viajar para o Brasil para reencontrar o filho e morrer em solo brasileiro. A história se encerra com a chegada do navio ao Brasil. Kehinde conclui:

Quanto a mim, já me sinto feliz por ter conseguido chegar até onde queria. E talvez, num último gesto de misericórdia, qualquer um desses deuses dos homens me permita subir ao convés para respirar os ares do Brasil e te abençoar pela última vez. (UDC, 2012, p. 947)

5. RAMI E AS MÚLTIPLAS INFLUÊNCIAS CULTURAIS NA CONSTRUÇÃO DE SUA ALTERIDADE.

Rami é uma mulher de 40 anos, cristã, casada há 20 anos com Tony, mãe de cinco filhos. Seu marido era um homem influente, ocupava o cargo de comandante da polícia. Rami vivia em função do marido. Sua existência não tinha sentido sem o Tony. Ele era a sua identidade.

Devido às constantes ausências do marido, Rami torna-se uma mulher infeliz e decide lutar para salvar seu casamento. Ela resolve conhecer a segunda mulher que roubou o coração de seu marido e vai à casa de Julieta. As duas brigam e Rami leva uma surra, a própria rival a socorre, leva-a para dentro, lhe empresta roupas limpas. Julieta está grávida do sexto filho de Tony e lhe diz que já foi trocada por uma terceira. Rami ouve sua história e se emociona.

Ao questionar o marido sobre as traições ele diz que não as considera como tal. “[...] _Traição? Não me faça rir, ah. ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami.” (NIKETCHE, 2004, p. 29)

Rami vai à casa da terceira, Luísa, e vivencia o mesmo episódio, as duas brigam e acabam presas na delegacia. Rami se identifica: “[...] É o comandante Antônio Tomás. O meu nome é Rosa Maria” (NIKETCHE, 2004, p. 52). Rami é solta imediatamente, sente compaixão por Luísa e diz que ela também é mulher de seu marido. As duas saem conversando da delegacia. Rami descobre que Luísa já foi trocada por uma quarta mulher, seu nome era Saly.

Rami vai à casa de Saly, leva outra surra e descobre que ela também já foi trocada por uma mais jovem de nome Mauá, uma menina ainda, na flor da juventude. Rami conclui:

[...] O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira dama, a rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly a apetecida, é a quarta. Finalmente a Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso. (NIKETCHE, 2004, p. 58)

Rami se utiliza de todas as estratégias para prender o seu Tony. Faz aulas de amor, magia, converte-se a religiões e seitas, batiza-se no rio Jordão, mas nada resolve o seu problema. Então decide se unir às suas rivais e torna-se amiga delas.

Luísa convida Rami para o aniversário de seu filho e lá pede ao seu amante que fique com Rami, que, embriagada, entrega-se aos prazeres, mas depois se sente mal, adúltera. Luísa explica que em sua tribo as mulheres compartilham o marido da mesma forma que um prato de comida. E que era justo emprestar o amante a Rami, já que há muito elas dividiam o marido. O desejo de Rami é maior que seus valores e ela aceita a proposta de Luísa.

Movida pela dor e pelo desejo de vingança, Rami prepara uma festa em comemoração aos cinquenta anos do Tony. Convida a nata da sociedade, bem como todos os parentes influentes, inclusive o tio que é padre. Uma sociedade regida por princípios cristãos que condenava a prática da poligamia. Após fazer um belo discurso, Rami apresenta uma a uma as mulheres de Tony, com seus respectivos filhos, um total de dezessete com os dela. Todas estão vestidas igualmente e os filhos também.

Tony leva um choque. Uma a uma as famílias vão se retirando da festa, principalmente os homens, que como ele, faziam o mesmo e temiam que suas mulheres pudessem seguir o exemplo de Rami. Tony vai para casa da mãe.

Rami autoriza às mulheres virem à sua casa reivindicar suas necessidades, pois o Tony deveria cumprir com todas elas. Sua sogra a princípio lhe condena, depois diz que ela foi usada pelos deuses para unir a família. Ela quer todos os netos ao seu redor, sua família é o seu orgulho.

Rami e a sogra passam a defender a poligamia, porque na verdade, a sociedade era hipócrita, condenava a poligamia, mas a praticava em oculto.

Tony acaba se casando com todas as mulheres e registrando todos os filhos. Faz uma escala semanal, na qual ele tem a obrigação de passar uma semana na casa de cada uma. Desta maneira elas monitoram o Tony e usufruem de liberdade enquanto ele se distrai com uma delas. Tony não aguenta a pressão, pois agora precisa assistir a todas as mulheres e filhos e culpa Rami pela bagunça que sua vida se tornou, pois nunca quis ter responsabilidade com nenhuma amante, desejava apenas usá-las.

Começou a procissão das mães e das crianças. O Tony já não aguentava, fugia deles. Rami, aguenta tu com essa gentinha. Aguardei com elas até onde

pude, até que lhes disse: Isto acontece porque não trabalham. (NIKETCHE, 2004, p.117)

Rami explica a dificuldade de Tony em sustentar uma família tão grande e diz que elas precisam trabalhar. Rami as entrevista para descobrir o talento de cada uma e provê o capital para que elas iniciem seus próprios negócios. Saly torna-se comerciante de cereais, Luísa, de roupas, Julieta, de bebidas, Mauá, cabeleireira. Todas prosperaram e aos poucos percebem que já não dependiam do Tony para sobreviverem.

A convivência com as mulheres do norte vai modificando as crenças e a identidade de Rami, que era do sul. As mulheres do norte são mais livres, enquanto as do sul, mais submissas, devido às influências europeias sofridas. Rami busca refúgio na mãe e descobre que é uma reprodutora desse sistema que a faz tão infeliz.

A mãe é triste. Rami também e suas filhas o serão também. Vejo a tristeza desta mulher à minha frente. Uma mulher triste como eu. Esta imagem de tristeza terão as minhas filhas, temos nós, mulheres de todas as gerações, de todo o universo.(NIKETCHE, 2004, p. 194)

Apesar das cinco esposas, Tony se encanta por uma jovem chamada Gaby e sem avisar viaja com ela pra França em lua de mel. Enquanto ele está fora um homem é atropelado e sua família o tem como sendo o Tony. Rami quer que a polícia faça o reconhecimento do corpo, mas a família alega pela tradição e não permite. Rami diz que o tal homem não é o Tony, pois não encontra uma cicatriz que ele tinha. Mas ninguém a ouve, todos a culpam pela morte do Tony. Seguindo a tradição, eles rapam a cabeça de Rami, cortam seu corpo com navalha nos rituais de viuvez. Retiram todos os móveis e utensílios da casa, deixando-a sem nada, nem mesmo uma cama para dormir, ela e os filhos devem dormir no chão. Por ser a primeira esposa, apenas ela sofre os horrores da tradição.

Rami é a grande culpada pela morte do Tony. Todos a condenam. Dentro de oito dias ela deve tornar-se esposa de um dos irmãos do Tony para cumprir a lei do levirato. Esta parte Rami estava desejando que acontecesse, queria dançar o Niketche para seu cunhado e futuro marido. Pois para ela “[...] Vale mais a pena ser amada por um minuto que desprezada a vida inteira” (NIKETCHE, 2004, p. 225). Niketche é uma dança sensual praticada pelas mulheres do norte na arte da conquista para enlouquecer os homens. As mulheres do sul a desconhecem. Rami quer que Mauá a ensine o Niketche.

Assim que o seu cunhado cumpre o levirato, Tony chega de viagem e encontra a casa vazia, os filhos presos num quarto vazio e Rami solitária, sentada ao chão. Ele leva um choque e pergunta o que houve.

[...]— Foi desumano o que fizeram contigo. Ah, cultura assassina! Ele entra em delírio. Diz que não sabia que a vida era má, nem imaginava que as mulheres sofriam tanto. Sempre achara que a sociedade estava bem estruturada e que as tradições eram boas, mas só agora percebia a crueldade do sistema. (NIKETCHE, 2004, p. 229)

Tudo o que Rami quer é se vingar, para isso se utiliza das armas do próprio Tony, as mulheres. Aos poucos ela consegue convencer Luísa a aceitar o pedido de casamento de Vito, o amante que as duas dividiam. Ao comunicar ao Tony que vai se casar, ele quase morre de susto e decepção, nunca havia experimentado a sensação de rejeição e abandono. Luísa oferece a Rami o lugar de segunda esposa do Vito, pois ser segunda é só prazer e alegria.

Tony rejeita a sexta esposa que elas lhe oferecem e todas o abandonam. A Julieta decide se casar com um português muito rico que lhe ama e faz tudo que ela quer. Saly vai se casar com um padre italiano que abandonou a batina por sua causa. Mauá também já está vivendo outro amor.

Só fica Rami. Ele a abraça e pede socorro. Percebe que ela está grávida e lhe pergunta se o filho é dele. Para seu desespero Rami diz que o filho é do seu irmão, o que cumpriu o levirato. Tony enlouquece. Rami consegue realizar a tão desejada vingança.

5. UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS PERSONAGENS

Ao observarmos as duas personagens protagonistas podemos observar que, apesar de ambas serem mulheres negras, suas vivências lhes proporcionaram rumos diferentes na vida.

Enquanto Rami era uma mulher educada para ser uma excelente esposa, dona de casa e mãe, nos moldes da sociedade europeia, Kehinde nasceu livre, tornou-se escrava, mas nunca deixou de sonhar e lutar por sua liberdade. Sua alteridade estava na conquista de sua autonomia de seu direito de ser, de existir.

A identidade de Rami estava ligada à de seu marido, sem ele ela simplesmente não existia. Seu marido era a razão de sua existência. Mas ao descobrir que sua vida não passava de uma mentira, Rami resolveu se rebelar contra o sistema que até o momento a manteve prisioneira e submissa. Sua revolta favorece as mulheres de seu marido. Rami não conquista alteridade para si, mas ela promove a emancipação de todas as esposas do marido.

Enquanto Kehinde negocia com o sistema e alcança sua alteridade pelas armas do sistema, por meio da aquisição do poder financeiro, Rami tem uma atitude de não-aceitação de um sistema hipócrita regido por valores machistas, que a oprimiam e às outras mulheres. Ao se rebelar contra uma cultura Rami encontra obstáculos. Fanon explica:

[...] duro investigar sobre a realidade. Mas quando alguém mete na cabeça que quer exprimir a existência, arrisca não encontrar senão o inexistente [...] na verdade, na verdade vos digo, meus ombros se esquivaram da estrutura do mundo, meus pés não sentem mais a carícia do solo. Sem passado negro, sem futuro negro, era impossível viver minha negridão [...] Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. (FANON, 2008, p. 124).

Diferente de Kehinde, que apesar de ter sido sequestrada e vendida como escrava nascera livre. Rami não sabia o que era liberdade, conhecia apenas a submissão. Kehinde já trazia dentro de si a essência de uma identidade. Por mais que o colonizador tentasse lhe impor uma nova identidade, aquela que estava dentro de si sempre falava mais alto.

Kehinde tinha uma pré-disposição para a luta, não se esbarrava em quaisquer obstáculos. Por mais que o sistema lhe dissesse que ela não tinha valor, que era inferior, estes sentimentos não afetaram seu ânimo para lutar. Ela foi assimilando o jeito de viver dos brancos e se apossando de seus saberes, pois esta era a melhor forma de sobreviver num mundo onde os brancos reinavam. Cedo, cedo ela compreendeu o que Fanon nos explica:

[...] Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será [...] ser branco é como ser rico, como ser bonito, como ser inteligente. (FANON, 2008, p.34,60)

Kehinde atingiu um patamar no qual podia escolher ser quem desejasse, como explica em seu relato:

Mantive o (nome) Luísa, com o qual já estava acostumada, e acrescentei dois apelidos: Andrade, que a sinhazinha tinha herdado da mãe dela, e Silva, muito usado no Brasil. Então fiquei sendo Luísa Andrade da Silva, a dona Luísa, como todos passaram a me chamar em África [...] Alguns também me chamavam de sinhá Luísa. (UDC, 2012, p. 789)

A conquista de Rami foi coletiva, enquanto a de Kehinde foi individual. Ambas foram influenciadas por culturas e tradições diferentes das suas. Kehinde conheceu a cultura brasileira repleta de valores e tradições europeias, Rami conheceu a visão de outras tribos através das mulheres do marido, os costumes diversificavam de acordo com a região e a liderança. Rami deixou alguns de seus costumes e assumiu outros, apreendidos de suas rivais, que tornaram-se suas amigas.

Diferente de Rami, que foi educada dentro dos princípios cristãos e da pureza, influência do colonizador europeu, sem descobrir as artes do amor como as mulheres do norte, Kehinde, diante das mesmas influências, mesmo como escrava, usou a oportunidade de conviver com os brancos para aprender com eles. Teve acesso às suas culturas, seus costumes, apossou-se de seus saberes e os utilizou em seu benefício. Ela negociou sua alteridade com o sistema.

[...] Sempre achei que os pretos, e no caso os africanos, não eram bem tratados se não impressionassem à primeira vista, se não conquistassem seu espaço mostrando logo o dinheiro que possuíam. Dinheiro não era problema para mim, que já tinha muito, mais do que conseguiria gastar em toda a minha vida, mesmo contando com a parte que já tinha vivido. (UDC, 2012, p. 901)

Rami busca vingança contra Tony que representa este sistema. Sua conquista lhe custa sua vida.

Ruínas de uma família. A Lu, a desejada, partiu para os braços de outro com véu e grinalda. A Ju, a enganada, está loucamente apaixonada por um velho

português cheio de dinheiro. A Saly, a apetecida, enfeitiçou o padre italiano que até deixou a batina só por amor a ela. A Mauá, a amada, ama outro alguém. Só fiquei eu, a rainha, a principal, para lhe salvar a honra de macho. [...] _ Não te posso salvar. Tento salvar-te mas não consigo, não tenho força, sou fraca, não existo, sou mulher. (NIKETCHE, 2004, p. 332,333)

Apesar de se afirmar como uma pessoa fraca, Rami demonstra uma força incomum através de suas atitudes, pois foi capaz de desmascarar uma sociedade hipócrita e denunciar as injustiças sofridas por todas as mulheres, vítimas de tradições e costumes que as impedem de construir sua alteridade.

6. CONCLUSÃO

Percebe-se que tanto Kehinde quanto Rami tiveram suas identidades marcadas por ideologias europeias que se impuseram por meio do processo de colonização. Kehinde não sofreu muito com tais imposições porque sempre cultivou o sonho de liberdade, por estar sozinha em terra estrangeira teve que aprender a se virar, tirando proveito de tudo que aprendia em benefício próprio.

Kehinde tornou-se independente, guerreira, com tino para o comércio e construiu sua identidade a partir do conhecimento adquirido ao longo de suas vivências, teve maturidade e oportunidade para optar sobre quem e o que queria ser. Descobriu que o dinheiro lhe daria poder para conquistar o respeito da sociedade e o status de branco, tornou-se uma grande empresária. A identidade brasileira lhe abriria as portas no exterior, por isso adotou o título de senhá Luísa Gama.

Rami já foi criada dentro de uma cultura que considerava a mulher um ser inferior e dependente do homem. Acreditava que a mulher nasceu para servir ao homem. As ideologias europeias nortearam a vida de Rami até os 40 anos, quando ela descobre a hipocrisia da sociedade em professar uma coisa e fazer outra, no caso da poligamia. Rami se revolta e desmascara a sociedade na qual vive. Sua vingança não é contra o seu marido apenas, mas contra um sistema que a oprimiu a vida inteira, não só a ela, mas a todas as mulheres.

Rami deseja se libertar do jugo imposto por uma cultura cruel e desumana em relação à mulher. Também é uma guerreira, assim como Kehinde.

Ambas são mulheres, africanas. Rami denuncia a crueldade de uma tradição que perdura por gerações e é reproduzida automaticamente, mas que não edifica e nem contribui para a construção da alteridade da mulher. Rami representa todas as mulheres, vítimas de culturas machistas, socialmente construídas com o fim de dominá-las. Ela dá um basta neste domínio e decide se reconstruir. As crenças e ideologias de outras tribos com as quais convive através das mulheres de Tony a ajudam a entender de fato como as mulheres são vítimas de pensamentos opressores, propositalmente construídos para este fim. Ao proporcionar a emancipação das mulheres de Tony, Rami está promovendo a sua emancipação. Ao dar a elas a chance de escolherem outra vida, ela está mostrando a todas as mulheres que é possível desconstruir aquilo que nos prejudica e construir algo novo, a partir de nossas vivências.

Kehinde e Rami representam a nova narrativa da história da mulher negra. Uma versão na qual elas conquistam autonomia do ser, a capacidade de escolher seus destinos sem estarem dependentes do outro para existirem. Elas simplesmente existem.

5 REFERÊNCIAS

- ALVES, Lídia Maria Nazaré. **Clarice Lispector e Franz Kafka em cena: Não tomar seu santo nome em vão**. Tese (Doutorado em Letras) Instituto de Letras - UFF. Niterói – Rio de Janeiro. 2009. 234p. Site: www.dominipublico.gov.br
- CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males. Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, Número especial Antônio Cândido, Campinas. 1999. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007> acesso em 05/08/2016.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**/Paulina Chiziane. – São Paulo: Companhia das Letras. 2004.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. 952 p.
- HALL, Stuart. **Que negro é esse na cultura negra?** In: Da diáspora: Identidades e mediações culturais/Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Gaurdia Resende ...[et al]. – Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil. Humanitas. 2003, 434 p.

SPIVAK, Gayatri. **Quem reivindica a alteridade?** IN: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (Org.). Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994. pp 187/205.